



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CORPO E ESTEREÓTIPO: O NÓ DA VIRILIDADE NA TELENOVELA *O ASTRO*

Victor Pereira Sousa*
(UESB)

Nilton Milanez**
(UESB)

RESUMO

Nesse estudo, investigamos a configuração de seis personagens masculinos da segunda versão de *O Astro* (Rede Globo, 2011, 23h), observando as estratégias de produção das imagens, ou seja, os recursos de enquadramento, ângulo, posições em que os corpos dos personagens aparecem na câmera, entre outras, consistindo materialidades imagéticas, que numa perspectiva discursiva, são passíveis de repetições. Entrelaçamos as Teorias do Discurso e do Cinema para pensarmos os entornos audiovisuais-discursivos da virilidade e mobilizamos também o conceito de corpo a partir dos estudos de Milanez (2009) e o de estereótipo conforme discutido por Amossy e Pierrot (2005). Nessa perspectiva, vemos em *O Astro* a atualização de um lugar de subjetivação para o homem construído a partir da reprodução de estereótipos masculinos dados a ver no corpo dos personagens, justamente numa época em que a hegemonia do viril é questionada e marcada por mudanças significativas.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Estereótipos. Sujeito “astro”.

INTRODUÇÃO

Em todo começo encontramos-nos sempre posicionados num lugar onde as nossas ideias flutuam dispersas. A partir das nossas necessidades é que vamos

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Integrante do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo – Labedisco/UESB. E-mail: victor.ps1984@gmail.com.

**Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade e Programa de Pós-Graduação em Linguística. Coordenador do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo/UESB, no qual desenvolve o Projeto de Pesquisa *Materialidades do corpo e do horror* e o Projeto de Extensão *Análise do discurso: discurso fílmico, corpo e horror*. E-mail: nilton.milanez@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

laçando e justapondo algumas, soprando outras, e assim vamos estabelecendo um encadeamento harmônico no intento de sua assunção enquanto respostas para as nossas inquietações. Isso é sempre possível? Com certeza não. Mas uma coisa é certa: estamos sempre inquietos. Frente a isso, o limiar da discussão que nos propomos conduzir não poderia ser diferente se não por meio de perguntas, a saber: 1) Qual é a imagem de homem que está circulando na telenovela em nossos dias? 2) Como ele é mostrado e 3) que sentidos são produzidos sobre nós, sujeitos historicamente orientados? Talvez essas perguntas nem sejam respondidas nas próximas páginas, mas certamente foram responsáveis por nos colocar em movimento.

Utilizaremos a telenovela como suporte, pois há seis décadas vem ocupando definitivamente um lugar privilegiado na televisão brasileira, constituindo “[...] a narrativa de uma história serializada que remonta o hábito de seguir as tramas e os personagens, entretendo enormes contingentes” (SADEK, 2008, p.11). O nosso objetivo será olhar como seis personagens masculinos da segunda versão de *O Astro* (Rede Globo, 2011, 23h) foram configurados. Para tanto, descreveremos as estratégias de produção das imagens, que compõem um quadro para o audiovisual, na instância da observação dos fotogramas que aqui utilizaremos, ou seja, o enquadramento, os ângulos e a disposição dos corpos no interior do quadro, mobilizando assim a nossa percepção para verificarmos “[...] que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (FOUCAULT, 2009, p. 31). Dessa feita, faremos aqui o entrelaçamento da Teoria do Discurso com a Teoria do Cinema para pensarmos os entornos audiovisuais-discursivos da virilidade.

O conceito de corpo, enquanto lugar de produção de conhecimento, é substancial nesse estudo, uma vez que, consoante a leitura de conceitos foucaultianos empreendida por Revel (2005, p. 31), desde o início do século XIX, o corpo está circunscrito numa concepção de poder que intenta formá-lo e corrigi-lo,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

deixando-lhe apto para o trabalho. Para que tenhamos contato com o corpo como discurso precisamos nos concentrar na sua existência material por meio do fio discursivo sob o qual o identificamos; sua existência histórica; bem como visualizar o lugar no qual esse corpo se insere e a data que o marca (MILANEZ, 2009). Tal evidência nos conduz à investigação das formas, marcas, vestes, traços, sinais e gestos corporais destacados nas materialidades em detrimento de outros. Em nossa análise, a regularidade de determinados indícios do/no corpo, o uso da barba que será o nosso foco, irá recuperar algumas “representações cristalizadas” (AMOSSY & PIERROT, 2005) como a força, a autoridade, a virilidade atribuídas ao homem no decorrer da história, levando-nos a mobilização de outro conceito: o de estereótipo.

Nessa perspectiva, vemos em *O Astro* a atualização de um lugar de subjetivação para o homem construído a partir da reprodução de estereótipos masculinos dados a ver no corpo dos personagens, justamente numa época em que a hegemonia do viril é questionada e marcada por mudanças significativas.

Em nossos tempos, o corpo tem ocupado um lugar de controle social, haja vista que as pessoas são motivadas a realizarem alterações em suas formas, seus posicionamentos e comportamentos, objetivando estar no interior dos limites, dentro da norma, do que é estabelecido e socialmente aceito. Vivemos numa época em que “o gesto corporal é controlado e guiado pela nossa cultura e cada suspiro remonta à história das vidas que nos precederam” (MILANEZ, 2012, p. 90). E a televisão, por meio dos inúmeros personagens que transitam no interior das fronteiras do seu quadro, muito tem feito em favor de reafirmar determinados padrões historicamente construídos.

Postas tais premissas, para falarmos de corpo como materialidade do discurso, dialogamos com os estudos de Milanez, que por sua vez, estão filiados ao pensamento foucaultiano. O corpo discursivo não é aquele com suas funções biológicas e experiências cotidianas, mas o que “[...] é investido por domínios de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

poder e de saber” (MILANEZ, 2009, p. 118), ou seja, que está marcado pelos acontecimentos e pela história, suscitando dissensões, contradições, deslocamentos e repetições que constituem o sujeito.

Seguindo por essas vias, pretendemos olhar o corpo no que ele tem de materialidade e acontecimento, pois “a) ele é o meio pelo qual se materializa o sujeito que somos; b) serve sem cessar à produção de sentidos; c) é um território de movências e modificações; d) peça de ‘uma identidade pessoal que se escolhe, se transforma, se constrói’” (MARZANO, 2005 *apud* MILANEZ, 2011, p. 198-9). Para delimitar o nosso percurso e não correremos o risco de nos perder no caminho, o nosso olhar estará direcionado para os fragmentos de pêlos que recobrem comumente a face masculina, a barba, que enquanto segmento do corpo discursivo, além de possuir uma existência histórica, ocupa um lugar que nos leva a pensar suas posições, apontar deslocamentos e atualizações, descrever materialidades nas quais são possíveis encontrarmos singularidades e coerções dos sujeitos.

Em qualquer simples busca em *sites* da internet acerca de personagens da teledramaturgia brasileira, deparamo-nos com informações que nos revelam uma composição para os mesmos sustentada por estereótipos. E somado a isso, circula a justificativa que o gênero telenovela, por apresentar diversos núcleos dramáticos emergentes em meio à descontinuidade, precisa de imagens cristalizadas para que nós, espectadores, possamos reconhecer os grupos a que pertencem, se aproximam, ou mesmo, se distanciam.

Tomando os estudos de Amossy e Pierrot (2005) como subsídio teórico para as nossas reflexões, podemos compreender que a noção de estereótipo tem sido teorizada no seio de diversas disciplinas, logo sendo visualizada sob óticas distintas. Elas nos mostram que esse termo tem sua origem circunscrita no domínio da tipografia e que somente no século XX assume o sentido de esquema ou fórmula cristalizada.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

No que concerne à questão da adequação ao real, vemos que o estereótipo pode aparecer como uma construção imaginária, não refletindo necessariamente o real. As pesquisadoras defendem que nessa sociedade contemporânea a qual estamos inseridos, as construções imaginárias cuja adequação do real deixa brechas para dúvidas “[...] *se ven favorecidas por los médios de comunicación, la prensa y la literatura*”⁶⁹⁵ (AMOSSY & PIERROT, 2005, p. 41). Nesse aspecto, observar a telenovela torna-se relevante nesse estudo, pois a percepção que temos de um determinado grupo muitas vezes resulta do contato constante que temos com representações construídas e circuladas diariamente num mesmo horário na televisão, garantindo a fidelidade dos espectadores, fazendo do estereótipo um produto da aprendizagem social.

O que foi historicamente construído como próprio ao sexo masculino? Em entrevista concedida ao professor Cleudemar Alves Fernandes, publicada em *A (des)ordem do discurso* (2010), Jean-Jacques Courtine discorre acerca do trabalho que realizou juntamente à Alan Corbin e Georges Vigarello, intitulado *Histoire de la virilité*, ainda sem tradução no Brasil, que trata justamente de uma investigação acerca da história dos homens, que sempre foram tratados como o sexo “forte” e “dominante”. Esse empreendimento recupera o “império do macho” (COURTINE, 2010, p. 18) desde a antiguidade até o século XX, século este em que identificou a sua crise, ou seja, a dominação inerente ao sexo masculino “[...] conheceu um conjunto complexo de desconstruções, de mutações, de restaurações contemporâneas ao longo das quais o poder fálico deixou [...] de estar totalmente encarnado no órgão sexual masculino” (COURTINE, 2010, p. 19). No entanto, Courtine pontua que não está negando a existência da dominação masculina nos dias de hoje.

⁶⁹⁵ “se veem favorecidas pelos meios de comunicação, a imprensa e a literatura”. (Tradução nossa)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Postas tais considerações, fica nítida que houve uma reconfiguração em torno do lugar ocupado pelo homem. Mas, se a dominação masculina ainda é sustentada, a que podemos atribuí-la? A nossa hipótese é que imagens cristalizadas acerca do homem no fluxo da história são deslocadas, retomadas, repetidas, esquecidas, reconfiguradas e por fim atualizadas. “Em outras palavras, a noção de estereótipo liga-se, em alguma medida, ao conceito de memória discursiva, pois supõe a existência de algo que antecede e fundamenta a emergência dos enunciados” (SILVA, 2010, s/p). Frente a isso, quais imagens cristalizadas acerca do homem são dadas a ver no corpo? Como essas imagens são (re)produzidas na telenovela *O Astro*? A partir de agora cremos que as nossas questões começam a afunilar conduzindo-nos para uma direção cada vez mais precisa. Sigamos então em busca de possíveis respostas.

A segunda versão de *O Astro* – escrita por Alcides Nogueira e Geraldo Carneiro e dirigida por Mauro Mendonça Filho, exibida no período de 12 de julho a 28 de outubro de 2011 pela Rede Globo, no horário das 23 horas – consiste numa versão modernizada para um dos folhetins globais mais bem sucedidos transmitido no final dos anos 1970, no intuito de comemorar os 60 anos da teledramaturgia nacional e prestar uma homenagem a Janete Clair, responsável pelo roteiro original da trama. Esse produto, além de ser o marco inaugural para inovações no gênero, como um novo horário de exibição na emissora exclusivo para *remakes* e, também, um formato mais compacto, incidindo num número mais reduzido de capítulos, ainda recebeu o Prêmio Emmy de melhor novela no ano de 2011.

No fio narrativo temos como trama principal em *O Astro* a saga de um ilusionista que conquista fortuna, amores e inimigos pelos artifícios de sua “mágica”, conforme aprendeu no período em que esteve no cárcere por aplicar um golpe na população de uma cidade do interior. Já no primeiro capítulo, algo comum às telenovelas, os personagens nos são apresentados no interior dos núcleos

dramáticos dos quais fazem parte e somente no decorrer dos capítulos que vamos vendo as movências dos mesmos em núcleos outros, mediante as relações que vão sendo travadas. Ao longo dos 64 capítulos, 53 personagens vivenciam as tramas ali narradas. No entanto, apenas seis desses irão nos interessar, pois em meio a dispersão conseguimos encontrar elementos regulares marcados sobre o corpo dos mesmos, assim despertando a nossa atenção. Conheçamos os nossos personagens.

		
Herculano (Rodrigo Lombardi)	Márcio (Thiago Fragoso)	Samir (Marco Ricca)
		
Neco (Humberto Martins)	Felipe (Henri Castelli)	Amin (Tato Gabus Mendes)

Quadro 1: Personagens masculinos do estudo

Fonte: <http://tv.globo.com/novelas/o-astro/personagens/> Acesso em: 04/03/13

A imagem em movimento e sua produção audiovisual inerente à teledramaturgia só pode ser vista de forma “plana” e delimitada por um “quadro” (AUMONT, 2011), traços materiais que limitam a cena fílmica, garantindo a mostra daquilo que podemos ver enquanto espectadores. A noção de plano, uma vez que circuncreve parâmetros como “[...] dimensões, quadro, ponto de vista, [...]

movimento, duração, ritmo e relação com outras imagens” (AUMONT, 2011, p. 39), subsidia o nosso olhar para o corpo como materialidade do discurso.

Já no primeiro capítulo da respectiva telenovela, deparamo-nos em algum momento com os planos que veremos a seguir inseridos em sequências filmicas distintas. Vejamos.



Figura 1: Apresentação dos personagens em *close*.
Fonte: O ASTRO. Rio de Janeiro: Som Livre, 2012. Box DVD.

Os fotogramas acima constituem formulações imagéticas que materializam enunciados visto que estão fixos num “suporte”, ocupam um “lugar” e marcam uma “data” (FOUCAULT, 2009, p.114), assim, exercendo uma função. Na observância dos mesmos, no mínimo, já temos dois elementos para os quais somos tomados a ver: a configuração do plano quanto a distância e ângulo entre a câmera e o objeto filmado e os elementos corporais destacados.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Nos seis fotogramas, temos a incidência de uma mesma estratégia fílmica na composição da imagem. Temos um plano em *close* (AUMONT, 2011) que enquadra os rostos dos personagens ocupando a maior parte do campo. Quanto ao ângulo, a câmera capta frontalmente os personagens, deixando o centro da imagem ser ocupado pela região do rosto que se encontra coberto por pêlos, isto é, a barba. Assim, direcionando para onde devemos olhar primeiro. A parte superior da cabeça em todos eles encontra-se em corte, não estando totalmente enquadradas e os olhares transgridem os limites do quadro indo em direção a outro personagem da cena, que só mesmo por meio da sequência de imagens em movimento é possível identificar, uma vez que o encadeamento dos planos na montagem é que irá permitir esse contato.

Ao olharmos a barba, somos colocados diante de uma reatualização de uma memória em torno desse segmento corporal, fazendo referência a uma imagem cristalizada de gênero, segundo a qual o seu uso incide a força, a autoridade, a sabedoria e a superioridade – ramificações da virilidade. Vejamos outra sequência de fotogramas.



Figura 2: Virilidade marcada pelo ato sexual.
Fonte: O ASTRO. Rio de Janeiro: Som Livre, 2012. Box DVD.

Nessa sequência, deparamo-nos com imagens construídas em meio a planos e ângulos distintos, que incitam o sexo ou mesmo o pós do ato sexual no interior da narrativa. A disposição dos corpos evoca o estereótipo da masculinidade dominante, uma vez que nos três primeiros fotogramas, onde temos planos frontais, é o homem que está por cima, que controla a intensidade do ato sexual e a própria mulher. Nos três últimos fotogramas, o efeito de sentido que prevalece é o mesmo, porém o que determina o mesmo lugar para o homem é a estratégia de produção das imagens. As imagens são construídas sob um ângulo vertical alto, ou seja, quando a câmera está posicionada acima, em ângulo superior, técnica conhecida na Teoria do Cinema como *Plongê* (AUMONT, 2011). Portanto, temos aí a reafirmação da hegemonia da virilidade enquanto estereótipo de gênero.

Esses indícios mostram que em todos esses fotogramas temos materializado um mesmo corpo para o homem, que assume o *status* daquele que pode, que é superior ao outro, que controla e age com racionalidade sendo capaz de conseguir

tudo o que deseja. Nesse sentido, consoante Agacinski (2005, p. 186), podemos dizer que a barba “[...] *est um signifiant corporel de la virilité*”⁶⁹⁶.

Trazemos mais uma vez Amossy e Pierrot (2005, p. 48) quando postulam que a “[...] *adhesión a uma opinión estabelecida, uma imagem compartilhada, permite además al individuo proclamar indiretamente su adhesión al grupo del que desea formar parte*”⁶⁹⁷. Essa citação vem corroborar o que podemos ver pelo menos com dois dos personagens analisados, que nos primeiros acontecimentos da narrativa não fazem uso da barba, mas num dado momento são caracterizados na condição daqueles que se identificam com uma determinada coletividade dominante, assumindo os seus modelos estereotipados, como podemos ver nos fotogramas a seguir, que revelam o antes dos personagens Herculano e Neco.



Figura 3: Ausência de barba.

Fonte: O ASTRO. Rio de Janeiro: Som Livre, 2012. Box DVD.

Portanto, o nosso intento aqui esteve pautado em identificar a posição sujeito para o homem que foi (re)produzida na telenovela *O Astro* quando exibida para o público em 2011 e que continua circulando em outras mídias. Acreditamos que o indício corporal da barba ao evocar imagens cristalizadas acerca do homem, reconfigura e atualiza um lugar para o viril que em algum momento da história se dispersou. Ao tratarmos desses personagens de *O Astro*, fizemos referência à maneira como nos posicionamos enquanto sujeitos, pois à medida em que esse

⁶⁹⁶ “é um significante corporal da virilidade”. (Tradução nossa)

⁶⁹⁷ “adesão a uma opinião estabelecida, uma imagem compartilhada, permite também ao indivíduo proclamar indiretamente sua adesão ao grupo que deseja fazer parte”. (Tradução nossa)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

produto cultural circula em nossa sociedade acaba ditando como devemos conduzir e olhar para nossas vidas. É como se a telenovela fosse um espelho em que podemos nos ver ali representados.

REFERÊNCIAS

- AGACINSKI, Sylviane. **Métaphysique des sexes: Masculin / Féminin aux sources du christianisme**. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés**. Traducción y adaptación: GÁNDARA, L. 1ª ed. 4ª. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2005 [Título original: 1997]. (Enciclopedia Semiológica).
- AUMONT, J. O Filme como Representação Visual e Sonora. In: AUMONT, J. **A estética do filme**. Trad. Marina Appenzeller. 9 ed. Campinas: Papyrus, 2011.
- COURTINE, Jean-Jacques. Discurso, história e arqueologia. In: MILANEZ, Niton; GASPAR, Nádea Regina. **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- MILANEZ, Nilton. Corpo Cheiroso, Corpo Gostoso: Unidades Corporais do Sujeito no Discurso. In: **Acta Scientiarum Language and Culture**. Maringá, v. 31, n. 2, 2009. p. 215-222.
- _____. Materialidades da paixão: sentidos para uma semiologia do corpo. In: PIOVEZANI, Carlos. CURCINO, Luzmara. SARGENTINI, Vanice (orgs). **Discurso, semiologia e história**. São Paulo: Claraluz, 2011. p. 197-220.
- _____. A condição do corpo na escrita de Túlio Henrique Pereira: sobre o conto Suis generis. In: MILANEZ, Nilton (org). **Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo: Brasilidade, subjetividade e corpo em torno da literatura de Túlio Henrique Pereira**. v.1, n.1, ago/dez 2012. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012. p. 79-116.
- SADEK, José Roberto. **Telenovela: um olhar do cinema**. São Paulo: Summus, 2008.
- SILVA, Edvania Gomes da. Cenografias, estereótipos e discurso religioso. In: **Anais dos 1 CIELLI**. Maringá: Editora da UEM, 2010. Disponível em: <http://anais2010.cielli.com.br/downloads/456.pdf> Acesso em: 04 de março de 2013.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.